

ARMAÇÃO DE GUERRA

ARMAÇÃO DE GUERRA

MANOELLA
VALADARES

© Manoella Valadares, 2026

COORDENAÇÃO EDITORIAL Bárbara Tanaka e Guilherme Conde

EDITORA-ASSISTENTE Juliana Sehn

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Manoela Haas

PREPARAÇÃO DE TEXTO Guilherme Conde

COMUNICAÇÃO Hiago Rizzi

PRODUÇÃO Antonio Aragão, Letícia Delgado, Raul K. Souza e Sophia Martinez

CAPA Manoela Haas

sobre *Isadora Duncan in the Parthenon, Athens*, impressão em gelatina prata e cloro-brometo, 502 × 360 mm, Edward Jean Steichen, 1921.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

VI36a Valadares, Manoella
Armação de guerra / Manoella Valadares. — 1. ed. — Curitiba, PR:
Telaranha, 2026.

88 p.

ISBN 978-65-85830-45-4

1. Poesia Brasileira I. Título.

CDD: 869.91

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira 869.91

Henrique Ramos Baldisserotto – Bibliotecário – CRB 10/2737

para Paula Rego

Direitos reservados à

TELARANHA EDIÇÕES

Rua Ébano Pereira, 269 – Centro

Curitiba/PR – 80410-240

(41) 3220-7365 | contato@telaranha.com.br

www.telaranha.com.br

Impresso no Brasil

Feito o depósito legal

1ª edição

Maio de 2026

*Come to my woman's breasts. And take my milk
for gall, ministers of crime.*

— **William Shakespeare**

*É quando o tempo sacode a cabeleira
A trança toda vermelha
Um olho cego vagueia procurando por um*

— **Zé Ramalho (na voz de Amelinha)**

Morcegos são filhos indesejados da noite

Eu os incito

fluxo e refluxo

Pendurados

na parte mais alta do meu coração

— **Maria Lúcia Alvim**

morde o breu da palavra
raio sem memória
ruminação de bicho

O CORAÇÃO
VOU
DESTRINCHAR

SOMBRA

procuro tua figueira em parliament fields
mas nesse lado do parque
essa árvore nunca
existiu
onde está a tua figueira Esther
quando a noite dobrar
vou imaginar tua caixa
de abelhas encostada à máquina de
escrever que repete repete
repete o peso do céu desta cidade
sangue porcelana oco sangue porcelana oco
oco porcelana sangue porcelana oco oco oco
onde está a tua figueira Esther
essa árvore nunca existiu me diz
um bezerro de pele finíssima
no colo de uma mulher ruiva
muito parecida com você
mas os olhos dela estão abertos Esther
atravesso esses lagos

um graveto uma pedra uma fivela rosa um corvo
uma folha de carvalho uma cicatriz uma xícara

maças

MANJEDOURA DE CINZAS

sonolentas sob o colo
aninhadas
não podem nem
querem levantar
esfera sólida
células
esfera oca
disco achatado
alfinete
uma pequena semente
de papoula

penso em teletransporte
cordilheira sem contornos

tempo suspenso

QUE

teve aquele dia não foi
que a gente foi junto no piquete do royal mail
que eu dancei dentro da fumaça rosa
que eu tive a certeza de que a gente (nem sempre) é para o que nasce
que eu descobri como se faz iogurte e que às vezes
escrever com muito que é
feio mas eu gosto

CAVALO DO CÃO

ferrão de marimbondo
zanza e chispa

outra palavra
ferida
quara à pedra

rachadura acesa

COWBOYS

PARA JUAN E PETER

no curral

um coração toma
banho de sol

o outro enlaça

SINAPSE

fecho com saliva
ou cola bastão?

é melhor perfurar
com os caninos?

nunca sei ao certo se
devo fazer aquilo que sei

cortar as unhas do bicho

RODA DA FORTUNA

rabiscos inaudíveis
um nome em roxo
envelope de besouros
hastes de cravo
a flor a caligrafia nervosa
quem pinta assim
só
pode